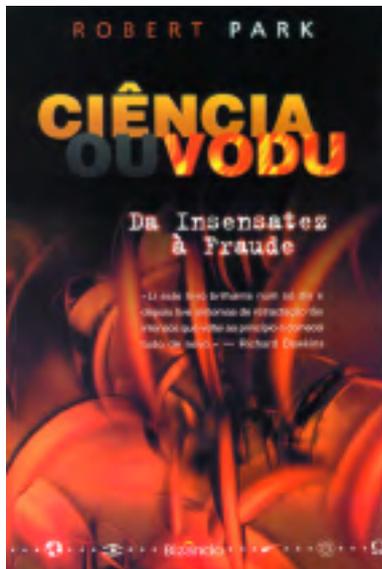


A MENTE TEM PODERES ESPECIAIS?



"Ciência ou Vodu"
Robert Park
Bizâncio, 2002.

Programa da RTP I
"Gregos e Troianos"
Junho de 2002.

A pergunta está mesmo a calhar para um programa televisivo de grande audiência. A receita é simples: arranja-se um cantor popular, de discurso espiritualista e sotaque brasileiro, para líder do bando dos que defendem os poderes especiais da mente. Assessorá-se o líder com uma vidente um pouco histórica, um telepata com um título de professor e uma jornalista de uma revista do sobrenatural. No seu conjunto formam um grupo digno dos melhores filmes de Fellini. Do outro lado destes "gregos" colocam-se uns "troianos": um director de uma associação de cépticos, um cientista, uma psicóloga e um médico. Para ver a batalha de "gregos" e "troianos" industria-se um público que aplaude, berra e interrompe. A agitar tudo e todos, põe-se uma apresentadora histriónica. Embora o público à hora de maior audiência esteja assegurado, não é garantido que se tenha no fim uma resposta séria à pergunta do início: terá a mente poderes

especiais? Para a resposta ser simplesmente "sim" ou "não" há que definir bem a pergunta, em particular o que se entende pela palavra "especiais". Num certo sentido, a mente humano é "especial". E algumas mentes são bastante mais especiais do que as outras: são capazes de criar música como Bach, literatura como Shakespeare, ciência como Einstein. É ainda um mistério o modo como funciona o cérebro humano e mistério maior é decerto o da genialidade. Mas, no sentido dos "gregos" do programa televisivo, é óbvio que a mente não tem nenhum poderes especiais: a vidente o que vê é o dinheiro dos crédulos, o telepata só consegue ler o seu próprio pensamento, e não é natural que a jornalista fale com o sobrenatural.

O astrofísico e divulgador da ciência Carl Sagan disse que poderes extraordinários exigem provas extraordinárias. Será então possível fazer uma experiência bem documentada de vidência, telepatia ou ligação ao sobrenatural? Bem, a produção do programa fez um evidente esforço e o melhor que conseguiu foi um pseudo-físico com um detector de mentiras, um mentalista (sic) que mexia uma chave na mão só com o poder do seu intenso pensamento, um karateca que partia gelo com o crânio (testa dura!), um faquir que pisava vidros e espetava agulhas na pele (ele há gente para tudo!). Mas tudo somado deu em nada. Rigorosamente nada. O detector de mentiras tinha uma agulha a dar saltos, se calhar porque tudo aquilo era uma enorme mentira. A chave que andava era um truque barato (ou caro, não sabemos o *cachet* do mentalista). Quanto ao resto era mais poder especial do corpo do que da mente (apesar de os dois estarem, relacionados): um bom treino consegue maravilhas, como sabe qualquer desportista.

Programas destes de promoção da pseudociência, da fraude ou simplesmente do circo são hoje comuns em todo o mundo (o circo até é um óptimo espectáculo *per se*, pelo que escusava de vir embrulhado com os poderes da mente). Um sinal saudável de que esses números

já não passam sem contestação é o facto, sem dúvida positivo, de a produção do programa se ver obrigada a apresentar um contraditório: até havia um cientista. A inevitável votação do público ainda dá a vitória aos charlatães, mas por um *score* não muito impressionante. Muitos cientistas (e por vezes até mágicos profissionais, que não hesitam em revelar alguns truques do seu ofício) já se sentem na obrigação de aparecerem publicamente a desacreditar os "poderes especiais" sejam estes da mente seja do corpo. Mas não tenhamos ilusões: muita gente gostaria tanto de ter poderes especiais que chega a acreditar que os tem. E quer mostrar que os tem. É um paradoxo das sociedades modernas que as pseudociências e os ludíbrios a elas associados cresçam ao mesmo tempo que a ciência cresce. O facto de em Portugal já haver este tipo de "debates", embora com o resultado falseado à partida (então não é que a apresentadora manda calar o cientista?!), é sinal que a pseudociência cresce e... a ciência também.

Começam a aparecer entre nós alguns livros que denunciam a pseudociência: depois do extraordinário "O Mundo Infestado de Demónios", de Carl Sagan, na Gradiva, e do muito interessante "Por que Acreditam as Pessoas em Coisas Estranhas", de Michael Shermer, na Repliação, acaba de sair na editora Bizâncio um livro que merece muitos leitores: o seu título é "Ciência ou Vodu", o subtítulo "Da insensatez à fraude" e o seu autor, Robert Park, um físico norte-americano. Ouçamo-lo:

"Há duzentos anos pessoas instruídas imaginavam que a maior contribuição da ciência seria libertar o mundo de superstições e fraudes. Crenças antigas em demónios e na magia atravessam a paisagem moderna, só que agora vestidas com a linguagem e a simbologia da ciência: um famosíssimo guru da saúde insiste que o seu método de cura espiritual está firmemente ligado à teoria quântica; metade da população mundial acredita que a Terra é visitada por extraterrestres que dominam as viagens e velocidades superiores à da luz; e há pessoas cultas

que usam imãs nos sapatos para recuperar as energias naturais. Isto é pseudociência. Os seus praticantes podem acreditar que é ciência, tal como as feiticeiras e os curandeiros podem realmente acreditar que conseguem chamar a si poderes sobrenaturais.

Aquilo que pode começar por ser um erro honesto acaba, entretanto, através de etapas quase imperceptíveis, por evoluir do engano para a fraude. A fronteira entre a tolice a fraude é ténue. Porque não é sempre fácil de perceber quando essa fronteira é atravessada, utilizo a expressão ciência vodu para as englobar a todas: a ciência patológica, a ciência refugio, a pseudociência e a ciência fraudulenta. Este livro destina-se a ajudar o leitor a reconhecer a ciência vodu e a compreender as forças que parecem conspirar para a manter viva".

Robert Park é um especialista em física de superfícies, professor (actualmente jubilado) da Universidade de Maryland (perto de Washington D. C.), que a certa altura aceitou um lugar em Washington como *public relations* da Sociedade Americana de Física. A sua coluna electrónica semanal ("Whats New", em <http://www.aps.org>) conheceu um êxito enorme não apenas entre os cientistas mas no público em geral incluindo neste os políticos (como se sabe, os políticos abundam em Washington...). Um dos temas predilectos das suas colunas é precisamente o combate à pseudociência e ao paranormal, desde os inventores de máquinas que desafiam as leis básicas da termodinâmica ao criarem energia a partir do nada até às curas milagrosas com homeopatia. A leitura das suas notícias e agora do seu livro é um poderoso antídoto contra a insensatez e a fraude.

Park não está sozinho. Os cientistas estão cada vez mais activos nesse campo. Em muitos países existem até associações de cépticos (céptico é aquele que não acredita em tudo o que lhe contam ou mesmo em tudo o que vê, ou melhor, acredita em tudo, mas só depois de experimentar por si próprio e verificar repetidamente). Em Portugal já há uma

associação com o nome engraçado de CEPO (ver <http://www.cepo.interaceso.pt/>). Nos Estados Unidos existe uma associação com quem o CEPO colabora, o CSICOP (<http://www.csicop.org/>), que publica a revista "Skeptical Inquirer". Associações como estas têm um papel insubstituível na preservação da sanidade mental da população. O seu trabalho tem sido persistente na denúncia da pseudociência, do paranormal e dos seus múltiplos derivados, uns mais comerciais do que outros.

Acima de tudo é preciso criar na sociedade uma cultura científica, criar nos cidadãos um espírito crítico. Pode-se, por exemplo, esclarecer que a comunicação à distância existe mesmo: chama-se telefone, fax ou *e-mail*. Mas não funciona por leitura directa da mente, não porque seja proibido *a priori* mas porque já se fizeram numerosas experiências e ninguém conseguiu demonstrar os seus pretensos dons de telepatia. Já se colocaram telepatas em isolamento pedindo-lhes para se concentrarem intensamente com os seus correspondentes à distância e o resultado é conhecido: nulo, zero, não há emissão nenhuma que chegue ao destinatário.

O trabalho de esclarecimento é difícil porque há pessoas que gostam de enganar os outros e porque há pessoas que, aparentemente, estão sempre prontas a ser enganadas. Um exemplo português bem recente é a história da mamografia por satélite. O anúncio por telefone dessa "nova" técnica levou algumas senhoras a desnudar os seios em casa ou mesmo ao ar livre, para grande gáudio do autor da brincadeira! Os espantosos poderes da imaginação e da credulidade humana estiveram uma vez mais em acção. Esses sim, é que são comprovadamente os poderes "especiais" da mente.

CARLOS FIOLEIS
tearlos@teor.fis.uc.pt

TINTIN E A CIÊNCIA



"Tintin chez les Savants"
 Revista Science & Vie (edição especial)
 França, 2002

Hergé entre ciência e ficção: o subtítulo desta edição especial da revista francesa de divulgação científica *Science & Vie* não podia ser mais certo, sintetizando em poucas palavras o espírito do projecto levado a cabo por um "naípe" de prestigiados colaboradores – Cyrille Mozgovine, Fabrice Nicot, Alain Rey, Serge Tisseron, Yves Horeau, Azar Khalatbari, Michel Serres, entre muitos outros.

Do herói criado e animado por Hergé não vale a pena perder muito tempo – no caso presente, é também espaço... – a falar. Todos o conhecem, todos leram pelo menos uma das suas fascinantes aventuras. E se tiveram a fortuna de acompanhar a saga do jovem repórter pela América Latina ou na exploração lunar, por exemplo, puderam ver como o autor foi resolvendo de forma inteligente as situações em que o seu personagem se ia sucessivamente envolvendo. E, de passagem, aperceberem-se que Hergé era um escrupuloso e exigente construtor de ficções onde o rigor científico era regra indeclinável. Mais ainda: a obsessiva procura de verosimilhança, que vai de mãos dadas com a credibilidade dos sonhos propostos aos leitores, tornava sólidas mesmo as mais fantasiosas e imaginativas especulações científicas.